

EXPERIÊNCIA DA FEIRA AGROECOLÓGICA NO MUNICÍPIO DE CRATO-CE

João Marcos Alves de Sousa.¹
Mariana Barros Tavares²

Resumo

O artigo objetiva analisar a experiência da feira agroecológica no município de Crato-CE. Entendemos que o modelo de produção camponesa é contrário à produção desenvolvida pela Revolução Verde que se baseia nas inovações tecnológicas, para uma produção em grande escala através da utilização de agrotóxicos e mecanização no campo etc. Nesse sentido, há experiências exitosas que vão contra o modelo supracitado, sendo um deste a feira agroecológica, que vem trazendo benefícios, tanto econômicos, como para a saúde da população. Para a construção do trabalho realizou-se pesquisa bibliográfica para compreender a temática abordada, utilizando alguns autores como: Alitere (2010); Santilho (2009); Martins (2015); Fernandes (2001). Bem como, pesquisa de campo, para então atingirmos os nossos objetivos. É pertinente destacar a importância da feira no que concerne a variedades de produtos e a diversidade nutricional livre de agrotóxico e de produtos transgênicos, junto com a resistência camponesa em não se sujeitarem ao modelo de produção excludente escolhido para o Brasil.

Palavras-chave: Revolução verde, Modernização Agrícola, Agroecologia.

Introdução

O presente artigo é fruto de uma pesquisa realizada nas disciplinas de Educação Ambiental e Geografia Agrária do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Regional do Cariri - URCA. E tem como objetivo analisar a feira agroecológica, promovida pela Associação Cristã de Base-ACB no município de Crato-CE, partindo da relação fundiária local, o acesso a terra e água e demais relações que a mesmas produz,

O município do Crato está localizado na região do Cariri Cearense, no Sul do Ceará, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) com população de 121.428 hab.

A feira agroecológica, foco de nossa pesquisa está sediada no centro da cidade do município de Crato - CE especificamente na Rua dos Cariris, 61, em frente à Associação Cristã de Base - ACB. A feira funciona Todas as sextas-feiras, a partir das cinco da manhã.

O município do Crato é privilegiado por está localizado na Bacia Sedimentar do Araripe, pois está, contém aquíferos que permitem o armazenamento de água no subsolo,

¹ Universidade Regional do Cariri – URCA, marcosalvescrato@hotmail.com.

² Universidade Regional do Cariri – URCA, marianabarro2011@live.com

ajudando o desenvolvimento das plantações. Deve-se destacar a paisagem do Araripe, exuberante por sua beleza, esta é um dos principais cartões postais da Região do Cariri. A sua rica biodiversidade, quantidade de nascentes, rios, a variedade de plantas nativas, animais e aves, a exemplo, citamos o Soldadinho do Araripe espécie endêmica da região.

Para o desenvolvimento do trabalho, este ainda com dados parciais, foi realizada uma análise da experiência vivenciada pelos feirantes da feira agroecológica do município do Crato-CE. Buscamos compreender as relações que perpassam os camponeses/feirantes entendendo suas dificuldades e conquistas, entrelaçadas nas dinâmicas ocorridas no dia a dia desses trabalhadores.

A metodologia adotada para realização deste trabalho partiu de um levantamento bibliográfico, como também, pesquisa de campo. Por meio de questionários aplicados aos feirantes foi possível conhecer os benefícios que os camponeses adquirem em participar da feira; compreender o modo de produção, verificar a relação do campones/feirante com a terra e a água para a produção e as dificuldades encontradas para a sua permanência na feira. Para então obtemos nossos objetivos.

Para maior aprofundamento dos conceitos e experiências, foram feitos diálogos em sala de aula, nas disciplinas de Educação Ambiental e Geografia Agrária, ambas do curso de licenciatura plena em geografia da Universidade Regional do Cariri-URCA sobre as relações que cercam a questão agrária que está intimamente ligada à história e a atualidade do Cariri, principalmente vivenciada pelas famílias camponesas, participantes da feira.

E para compreendermos no plano teórico e prático os reflexos e as dinâmicas que se passam na feira agroecológica, temos como aporte de consulta alguns teóricos como: Altieri (2010); Santilli (2009) e Hinterholz et al, (2011) para compreender o conceito e aplicação da agroecologia e da agricultura camponesa, Martins (2015) para entendermos os benefícios da feira para as famílias; Fernandes (2001) para entender a resistência camponesa.

Algumas Concepções Sobre Revolução Verde, Modernização Agrícola e Agroecologia.

Entendemos que o modelo de produção familiar camponesa é contrária à produção incentivada pela Revolução Verde que se baseia nas inovações tecnológicas na agricultura para uma produção em grande escala através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização do solo, utilização de agrotóxicos e mecanização no campo que aumentem a

produtividade. O que queremos dizer é bem expressado por Serra; Mendes; Soares; Monteiro, (2016),

A Revolução Verde é um modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura. É um conjunto de estratégias e inovações tecnológicas que teve como escopo alcançar maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização agrícola. É um fato corrente no campo e que se encontra presente no cotidiano agrícola nas mais diversas áreas do mundo. (SERRA; MENDES; SOARES; MONTEIRO, 2016, p. 03).

Expomos também, Santilli (2009) que, explica sobre o início da revolução verde,

No final da década de 1950 e início da de 1960, o processo pelo qual o modelo agrícola dependente de insumos industrial e da mecanização se estendeu por varias regiões do mundo tornou-se conhecido como “revolução verde”, e se caracterizou pela associação de insumos químicos (adubos e agrotóxicos), mecânicos (tratores, colheitas mecânicas etc.) e biológicos (variedades melhoradas). (SANTILLI, 2009, p. 59).

A partir dos anos 60 do século XX o modelo de produção agrícola brasileiro passou por diversas mudanças, devido a incentivos em politicas públicas e obras contras a seca, essas mudanças acarretaram a modernização dos equipamentos, aumento da produção, causando desvalorização das atividades tradicionais camponesas, valorizando o agronegócio, este segundo Santilli (2009): “[...] se caracteriza pela produção baseada na monocultura, especialmente de produtos cujos valores são ditados pelas regras do mercado internacional [...]”. (SANTILLI, 2009, p. 82).

Neste sentido, para melhor compreensão da modernização agrícola, como está aumenta a industrialização no campo, e como estas modificações impactam o território, expomos Silva (2007), este explana sobre as modificações das áreas rurais, geradas pela industrialização no campo,

Essa industrialização da agricultura é exatamente o que se chama comumente de “penetração” ou “desenvolvimento do capitalismo no campo”. O importante de se entender é que é dessa maneira que as barreiras impostas pela Natureza à produção agropecuária vão sendo gradativamente superadas. É como se o sistema capitalista passasse a “fabricar” uma Natureza que fosse adequada à produção de maiores lucros. Assim, se uma determinada região é seca, toma lã uma irrigação para resolver a falta de água; se é um brejo, lá vai uma draga resolver o problema do excesso de água; se a terra não é fértil, aduba-se; e assim por diante. (SILVA, 2007, p. 14)

Nesta ótica, a modernização, industrialização das áreas rurais, avanço do capital no campo, e assim a mecanização nas áreas agrícolas, trouxeram grandes avanços principalmente para aqueles detentores do capital, e de grandes latifúndios, favorecendo o agronegócio. Esta modernização de acordo com Santilli (2009),

[...] determinou os rumos da pesquisa agropecuária, da assistência técnica e extensão rural e do crédito rural, estritamente vinculado e destinado a favorecer o agronegócio. Ela estimulou a mecanização, o uso intensivo de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos e a utilização das variedades, raças e híbrido de alto rendimento e baixa diversidade genética. Além disso, disseminou a ideia de que só o desenvolvimento técnico e científico seria capaz de resolver os problemas da fome, desconsiderando as questões sociais e políticas envolvidas. (p. 87).

A mesma autora explana sobre as mudanças e consequências ocorridas sobre a agricultura de base familiar devido à modernização agrícola promovida pela revolução verde.

[...] diretamente, atingida pelas políticas de “modernização agrícola” promovidas pela revolução verde que tratam o espaço rural como se fosse uniforme e acentuaram as diferenças entre os dois modelos agrícolas (patronal e familiar) provocando a concentração e especulação fundiárias, o êxodo rural e a marginalização da agricultura familiar (SANTILLI, 2009, p. 86-87).

Sendo assim, é pertinente afirmar que a revolução verde, não é sustentável, tanto pelos danos ao ambiente como por provocar perdas de biodiversidade, e ainda visa como estratégica, a conservação da concentração de terra, expulsar o camponês da propriedade ou sujeitá-lo, extraindo dele a renda da terra, neste aspecto Muniz (2016, p. 210) aponta que “É assim que o território se evidencia como objeto de articulação, disputa e materialização das relações sociais de produção e trabalho, envolvendo diferentes agentes e engendrando novas formas de produção e produção do espaço [...]”.

Neste sentido Porto-Gonçalves (2012) expõem que, “[...] Talvez o maior sucesso da Revolução Verde esteja onde nunca foi procurado: na despolitização do problema da fome, tornando-o um problema técnico – Revolução Verde.” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 108).

Nesse sentido, há experiências exitosas e contraditórias a revolução verde que é caracterizada por ser um modelo hegemônico e homogeneizante, escolhido para o Brasil, nesta perspectiva no Cariri Cearense contém exemplos de manutenção e reprodução dessas práticas camponesas que como enfatiza Oliveira (1997) são criadas e recriadas pelo próprio capital, sendo a feira agroecologia do município de Crato, aqui estudada, um dos exemplos marcantes desse modelo produção e de resistência.

Para compreendermos mais um pouco sobre estas mudanças ocorridas no modelo agrícola brasileiro expomos Porto-Gonçalves (2012) que afirma,

Durante os anos 1970 e 1980, desenvolveu-se um vigoroso movimento crítico com relação à dinâmica da Revolução (nas relações de poder por meio da tecnologia) Verde. Desse movimento crítico se originou um movimento de agricultura orgânica, de agroecologia, que consagrou expressões como agrotóxico e emprestou sentido negativo a toda agroquímica. Deve-se destacar que esse movimento crítico contou

com um forte componente técnico científico que veio, em grande parte, de dentro do próprio campo agrônomo. (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 108).

Como explanado acima, através das críticas a revolução verde a agroecologia vem se desenvolvendo, ganhando destaque ao longo dos anos, sendo as “A agroecologia é uma das opções que vem sendo destacadas dentro do contexto de uma agricultura sustentável, pois, além de produzir sem agrotóxicos, encontra-se destinada à subsistência e à qualidade de vida do pequeno produtor rural e de sua família, [...]” (CANDIOTTO; CARRIJO; OLIVEIRA, 2008, p. 223).

Nesta lógica, a agroecologia é uma cultura fundamental para o desenvolvimento sustentável do planeta, são experiências que merecem destaque na sociedade, pois desenvolve formas de melhor qualidade de vida, tanto econômico, social e ambiental, pois, por não estarem utilizando agrotóxicos em suas plantações, estão preservando a vida, contribuindo para a valorização dos produtos do campo e promovendo o desenvolvimento de uma vida sustentável para as comunidades.

Nesta ótica Hinterholz et al, (2011) reconhece que,

A produção agrícola de base agroecológica adquire notável importância ao ser considerada uma estratégia de reprodução econômica para muitos agricultores familiares. Com o intuito de diversificar sua produção, minimizar o impacto ambiental e o uso de insumos artificiais no processo produtivo, os agricultores têm se mostrado motivados para o desenvolvimento desta prática agrícola em determinados pontos do território brasileiro. (HINTERHOLZ Et al, 2011, p. 5).

É pertinente afirmar que o modo de produção agroecológico beneficia não só as pessoas que o produzem (trabalham na terra), permitindo terem condições de permanecer na terra, trabalhando com saúde e bem estar, mas também a sociedade, que se beneficia, adquirindo os produtos agroecológicos, permitindo boa qualidade de vida, uma vida sustentável respeitando a natureza e o seu ciclo de renovação, tendo práticas capazes de ajudar a terra a ser um recurso renovável, pois o solo é um recurso natural lentamente renovável Kamp, Curi, (2012), ou seja, de acordo com a intensidade da interferência humana, o solo não pode ser renovado no tempo em que ele é desgastado, tornado o mesmo improdutivo, e não renovável nesta escala de tempo.

Neste sentido, Altieri (2010) destaca sobre a importância da valorização dos conhecimentos dos camponeses, indígenas, que atuam na sociedade buscando garantir a construção de uma soberania alimentar e alimentação saudável, buscando equilíbrio com a natureza e os seus ciclos, como colocado acima, pois a,

[...] Iniciativas que implicam na aplicação da ciência agroecológica moderna alimentada por sistemas de conhecimento indígena, lideradas por milhares de agricultores, organizações não governamentais e algumas instituições governamentais e acadêmicas, estão demonstrando que podem melhorar a segurança alimentar conservando os recursos naturais, a agro biodiversidade e a conservação do solo e água em centenas de comunidades rurais de várias regiões. (ALTIERI, 2010, p. 02).

Reflexões sobre a Feira Agroecológica

A primeira (1ª) feira agroecológica do município do Crato, foi criada em Junho de 2003, pela Associação Cristã de Base - ACB está fundada em 04 de julho de 1982, com a missão de contribuir, para que a população mais pobre adquirisse meios e conhecimentos que os tornem capaz de construir o seu próprio desenvolvimento sustentável.

Por tudo isso, um dos mais importantes objetivos da feira estudada é levar os produtos agroecológicos direto dos locais de colheita para a mesa dos consumidores. Neste sentido a ACB está a mais de 30 anos ajudando as comunidades, ela é voltada para o processo organizativo das comunidades, orientando na criação, elaboração e acompanhamento de associações e projetos.

Tendo em vista o crescimento da feira agroecológica e a sua ampliação ao longo dos anos, foram implementadas mais duas feiras na cidade de Crato-CE, uma no Bairro Seminário, e outra na Praça Alexandre Arrais, conhecida como Bicentenário. Isso demonstra que elas vêm trazendo benefícios, pois a expansão das mesmas têm levado a mais camponeses melhores condições econômicas, pois eles conseguem o complemento de seu sustento vendendo o excedente das suas produções e os consumidores adquirem alimentos saudáveis integrando um circuito de produção e comercialização livre da utilização de agrotóxicos e a venda direta, produtor a consumidor, sem a necessidade atravessadores. Nobre (2015) argumenta que “[...] a adoção de praticas agroecológicas ainda é limitada. Mas a pressão exercida pelos consumidores pode ser um caminho.” (p. 118).

Atualmente há 14 (catorze) barracas de feirantes, sendo compostas por, camponeses e camponesas, todos os feirantes são cadastrados na Associação Cristã de Base - ACB, e a maioria está a anos trabalhando na feira. Na imagem 1, podemos observar como se organizam as barracas e os produtos na feira.



IMAGEM 01- ORGANIZAÇÃO DAS BARRACAS NA FEIRA AGROECOLÓGICA DO MUNICÍPIO DE CRATO-CE

FONTE: Dos autores (2017).

Ponderações acerca dos Camponeses /Feirantes Participantes da Feira Agroecológica

Através dos dados obtidos em campo conhecemos como é a relação dos camponeses com a feira agroecológica, neste aspecto este afirmaram que a sua participação como comerciante na feira se deu devido a trabalhos de base, reuniões, formações e cursos organizados pela ACB. Através das participações, os camponeses começavam a pôr em prática os conhecimentos adquiridos, e em seguida, os que compunham a ACB visitavam as produções dos feirantes, e com tudo sob as regras os produtores eram integrados a feira.

A maioria dos camponeses são oriundos da zona rural do município do Crato, sendo de áreas de assentamentos (Assentamento 10 de Abril e Assentamento Serra Verde) e comunidades tradicionais (Bebida Nova, Coruja, Belmonte, Lameiro e Batateira) seja nos quintais produtivos, produzindo em Mandala, todos com enfoque na agroecologia.

Os camponeses produzem para o autoconsumo da família, vendendo o excedente na feira, melhorando a renda econômica para adquirirem o que não produzem como arroz, carnes, roupas e calçados, todos os feirantes entrevistados conseguem produzir tendo excedente, pois, quando determinados legumes ou verduras estão prontos para a colheita, outros já estão sendo cultivados e assim segue a plantação, nunca faltando às variedades de

alimentos para a comercialização no dia específico da feira, que é nas sextas feiras pela manhã demonstrando assim, uma produção programada.

Constatamos que 60% dos feirantes entrevistados afirmaram que não possuem a posse da terra, sendo moradores, meeiros, parceiros, e arrendatários, estes necessitam pagar a renda da terra, seja com trabalho para o proprietário do terreno, com parte da produção, ou com dinheiro, para então continuarem na produzindo na propriedade. Isso é um dos principais obstáculos que os feirantes encontram.

Nesse sentido deve-se destacar a resistência dos camponeses feirantes, que mesmo com as dificuldades de se reproduzirem, continuarem com o modo de produção agroecológico, não se sujeitando ao modelo de produção, estabelecido para o Brasil, fortalecendo assim as místicas e fazeres das comunidades tradicionais e assim as propostas de economia solidária,

Diante dessas sujeições sofridas pelos camponeses, podemos afirmar, que a questão agrária no Brasil atualmente ainda é latente, pois como nos aponta Silva (2007 “[...] Já a questão agrária está ligada às transformações nas *relações de produção*: como se produz, de que forma se produz.” Ficando esta evidente no recorte espacial da pesquisa, onde os produtores se sujeitam ao proprietário da terra para conseguirem trabalhar e assim obter o seu sustento. Fernandes (2001) descreve sobre os problemas acarretados pela questão agrária, como ela se dá, e por que se dá, para ele,

“Os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração da estrutura fundiária; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar; aos modelos de desenvolvimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana. Por isso, a questão agrária compreende dimensões econômica, social e política.” (FERNANDES, 2001, p. 23-24).

O acesso à água para a produção e consumo dos camponeses se dá através do Sistema Integrado de Saneamento Rural - SISAR e das nascentes, a maioria dos produtores não utilizam irrigação, os que usam é através do sistema de gotejamento.

É preciso entender que, o problema dos camponeses não é a falta de água para a produção e sim a falta de terra, os produtores entrevistados afirmam que o fato de não ter a posse da terra dificulta a produção devido ao pouco espaço para a plantação, como pelas dificuldades em acessar algumas políticas públicas, e as sujeições sofridas pelos camponeses.

Através das entrevistas, pudemos perceber que trabalhar na feira para os camponeses também é uma distração local, de diálogo com amigos, Alguns entrevistados afirmaram que a feira serve para amenizar as preocupações e angústias e inquietações do dia a dia.

Resultados e Discursões

Os saberes e fazeres do povo, repassado por gerações, ajudam os camponeses a terem melhor convivência com o semiárido, e assim, sabem o que plantar, como plantar, e a época certa do ano para cultivar determinado alimento, ou planta.

O camponês já acostumado com a luta do dia a dia tem a facilidade em lidar com o clima e o solo típico do semiárido, devido a relações que o mesmo tem com o lugar de vivências, e as experiências trazidas por seus antepassados.

Com os resultados obtidos dos questionários observamos que 100% dos entrevistados não utilizam agrotóxicos em suas produções, este é um dos requisitos que é obrigatoriamente para todos os feirantes. Sendo assim, a não utilização do agrotóxico é algo extremamente importante para a saúde dos consumidores, e o meio ambiente que não estar sendo contaminado por produtos químicos.

Os benefícios da feira são notavelmente percebidos, quando é visto a quantidade de pessoas que frequentam a feira. Neste sentido a feira iniciasse ao público as 05h00min horas da manhã tendo seu termino aproximadamente as 10h00min horas, caso, o consumidor for próximo a esse horário ele pode não encontrar os produtos de sua preferência ou não está disponível na feira tanta diversidade de produtos, estes acontecem devido à demanda dos consumidores, que em sua maioria já se fazem presente no local da na feira antes mesmo da mesma iniciar.

Este contexto é notável através de depoimentos dos feirantes e consumidores. Exemplo foi à entrevista com a feirante de 62 anos, a mesma expressa que ‘a feira é muito boa e ela cresceu, pois antes não tinha onde vender os produtos, e hoje à feira é reconhecida, trocamos experiências, tem uma melhor saúde, e o que precisa melhorar é a seca’.

Em outra entrevista com a feirante de 60 anos a mesma relata que: ‘trazia as coisa num balaio, não tinha comprador e o pessoal da ACB muitas vezes era quem comprava’. A senhora expressa à gratidão a Associação Cristã de Base – ACB, pois, foi através da mesma

que a feira se encontrar com um patamar elevado e assim tem um melhor destaque, comercialização dos produtos e ainda disponibiliza técnicos para auxiliar na produção.

Nesse sentido sobre o olhar de Candiotto et al. (2008) trabalhar na feira permite não só ter relações econômicas, pois “[...] não deixando de lado sua inserção em um mercado cada vez maior, que é de produtos agroecológicos, mais atuando no mercado com relações mais solidárias” (p. 223).

Dentre os produtos comercializados no decorrer da feira podemos destacar: verduras: cebolas, cheiro verde, alface, cenoura, batata, tomate e jerimum. Cabe frisar que, os produtos como o alface e o cheiro verde, são colhidos na madrugada, antes do início da feira.

As frutas comercializadas nas feiras são banana, maracujá, mamão e manga, sendo que a manga nos meses de novembro, dezembro e janeiro por ser de incidência para a sua produção se apresenta em grande quantidade na região do Cariri.

Podem ainda, ser encontradas para os consumidores, as plantas medicinais como a hortelã e a arruda, dentre outras. Abaixo a imagem 02 pode-se observar alguns produtos disponibilizados na feira agroecológica do município de Crato-CE



IMAGEM 02- PRODUTOS COMERCIALIZADOS NA FEIRA AGROECOLÓGICA.

FONTE: Dos Autores (2017)

Em relação às sementes utilizadas para a produção, são em sua maioria crioulas, neste aspecto, de acordo com Santilli (2009) que abordar a Lei de Sementes brasileira (10.711/2003) ela ressalva que,

Segundo a Lei de Sementes, entendes-se por cultivar local, tradicional ou crioulo ‘a variedade desenvolvida, adaptada ou produzida por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com características fenotípicas bem determinadas e reconhecidas pelas respectivas comunidades e que, a critério do ministério da agricultura, considerados também os descritores socioculturais e ambientais, não se caracterizem como substancialmente semelhantes aos cultivares comerciais’. (SANTILLI, 2009, p. 157-158).

É preciso acentuar que, os entrevistados adquirem sementes crioulas em casas de sementes localizadas no município, uma na comunidade do Baixio das Palmeiras e outra que esta instalada na cidade, Nobre (2015) explica que “[...] a casa de sementes prevê a criação de uma organização comunitária que vise possibilitar independência aos pequenos agricultores garantindo uma alimentação mais saudável.” (p. 116). Abaixo, na imagem 03 podemos observar o camponês/feirante e as sementes crioulas que são comercializadas na feira

agroecológica. É pertinente afirmar que este campones/feirante, administra uma casa de sementes na cidade de Crato.



IMAGEM 03- SEMENTES CRIOULAS SENDO COMERCIALIZADAS PELO CAMPONES/FEIRANTE INTEGRANTE DA FEIRA AGROECOLÓGICA.

FONTE: Dos Autores (2017).

É evidente a diversidade dos produtos comercializados na feira, citamos a galinha caipira, ovos e carne de caprinos, e ainda milho, feijão, arroz, goma, farinha, são animais e produtos criados/plantados na unidade familiar, de produção camponesa. É notável a multiplicidade de produtos que são comercializados e assim tendo uma grande variedade nutricional.

Entendemos que é relevante para a continuidade da feira livre de agrotóxicos como processo de proporcionar aos consumidores um alimento saudável e de qualidade nos produtos expostos bem como suas variedades, promovendo uma qualidade de vida na prevenção e promoção de saúde dos clientes.

É pertinente destacar a importância da Feira no que concerne a variedades na produção e a diversidade nutricional livre de agrotóxico e de produtos transgênicos, junto com a resistência dos camponeses em não se sujeitarem ao modelo de produção excludente escolhido para o Brasil. Pois é importante frisar que um dos mais importantes objetivos da feira de orgânicos é levar os produtos agroecológicos direto dos locais de colheita para a mesa dos consumidores.

Na feira não há somente relações de compra e venda, mais é um ponto de encontro onde às pessoas além de adquirir os produtos agroecológicos, reencontrar amigos, trocam experiências e falam sobre as lutas do dia a dia.

Referências

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar**, **Revista Eletrônica NERA**. Presidente Prudente, Ano 13, n°. 16 pp. 22-32 Jan/jun. 2010. Disponível em: <<http://reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/1362-3896-1-PB.pdf>>. Acesso em: 28 de Set. 2017.

Associação Cristã de Base - ACB. **Feira Agroecológica**. Disponível em:<<http://www.acbrato.org/quem-somos>>, Acesso em 30 de Mai. 2017.

BRITO, Anderson Camargo Rodrigues; **Águas para que(m):** Grandes Obras Hídricas e Conflitos Territoriais no Ceará. Curitiba-PA: CRV, 2016. 328 p.

CANDIOTTO; Luciano Zanetti Pessoa. CARRIJO, Beatriz Rodrigues; OLIVEIRA, Jackson Alano De. **AGROECOLOGIA E AS AGROFLORESTAS NO CONTEXTO DE UMA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL**. São Paulo – SP. 2008. Disponível em: <<file:///C:/Users/Fam%C3%ADlia/Downloads/Desenvolvimento%20territorial%20e%20agroecologia.pdf>>. Acesso em: 28 de Set. 2017.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

HINTERHOLZ, Bruna et al. **Feira Agroecológica: Uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar orgânica no município de Medianeira – PR: O Caso Da AAFEMED**. **Revista Eletrônica: Synergismus scyentifica UTFPR**, Pato Branco, 06 (1). 2011. Disponível em:< <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/viewFile/1379/852>> Acesso em: 28 de Set. 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=&codmun=230420&search=ceara|crato|jnfograficos:-dados-gerais-do-municipio>> Acesso em: 01 de Nov. 2016.

KAMP, J.C; CURI, N; SCHAEFER, C.E E TORRADO, P. V. **Pedologia: fundamentos**. Viçosa: SBCS, 2012.

MARTINS, Ana Paula Clementino, et al. **Caracterização da Feira Agroecológica no município de Várzea Alegre – CE: o caso do Sítio São Vicente**. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. Santa Maria, v. 19, n. 3, set-dez. 2015, p. 161-180. Disponível em:< <file:///C:/Users/Fam%C3%ADlia/Downloads/17308-95478-1-PB.pdf>>. Acesso em 29 de Set. 2017.

MUNIZ, Maria Vieira. A Territorialização do agronegócio cearense. In: SILVA, José Borzacchiello da; SILVA, Cícero Nilton Moreira da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. (Orgs.). **Território: modo de pensar e usar**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

NOBRE, Francisco Wlirian. **Baixio das Palmeiras: apontamentos geográficos, culturais e historiográficos**. Juazeiro do Norte: BSG, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 8 Ed, São Paulo: Contexto, 1997.

PORTO-GONÇALVES, C.W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e Direitos dos Agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SERRA, Et al. **Revolução Verde: reflexões acerca da questão dos agrotóxicos**. **Revista Eletrônica** Revista Científica do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB) Número 4 – Volume 1 – jan/julho 2016disponível em:< http://www.undb.edu.br/publicacoes/arquivos/revolu%C3%A7%C3%A3o_verde_e_agrot%C3%B3xicos_-_marcela_ruy_f%C3%A9lix.pdf>. Acesso em: 28 Set. 2017.

SILVA, José Graziano da. **O que é Questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 2007.